

**O DESINTERESSE DOS ALUNOS NAS AULAS DE GEOGRAFIA:
Estudo de caso de uma escola privada em Belém – PA**

Marcos Jonatas Damasceno da Silva

Bacharel e Licenciado em Geografia pela Universidade Federal do Pará – UFPA. Cursa Especialização em Relações Étnico-raciais no Ensino Fundamental – UFPA.
marcos_jonatas@hotmail.com

RESUMO

São várias as realidades e experiências com as quais o professor se depara na prática escolar. Entre as dificuldades está a falta de interesse do corpo discente nas aulas de Geografia. Buscando identificar alguns dos motivos que contribuem para que os alunos não tenham interesse nas aulas da referida disciplina, este trabalho tem como objetivo analisar, na perspectiva dos educandos, as principais causas da falta de interesse nas aulas de Geografia. Para tanto, foi realizada uma pesquisa em uma escola privada de Ensino Fundamental em Belém, estado do Pará, com um universo de 90 alunos de três turmas: 7º, 8º e 9º anos. Os resultados demonstraram que 43% pensam que a maior causa da falta de interesse nas aulas são as metodologias usadas pelos professores; para 30% o motivo é o caráter muito descritivo da Geografia; para 14% é a distância entre os conteúdos ministrados e a realidade; e para 10%, a principal causa é falta de interesse dos próprios alunos.

Palavras-chave: Ensino de Geografia; Metodologias de Ensino; Aulas de Geografia.

**THE LACK OF INTEREST OF STUDENTS IN GEOGRAPHY CLASSES:
A case study of a private school in Belém – PA**

ABSTRACT

There are several realities and experiences that the teacher comes across in school practice. Among the difficulties is the lack of interest of the student body in Geography classes. Trying to identify some of the reasons that contribute to students not interested in the lessons of that discipline, this paper aims to analyze, from the perspective of students, the main causes of lack of interest in Geography classes. For this purpose, a survey was conducted in a private school of elementary school in Belem, state of Para, with a universe of 90 students from three classes: 7th, 8th and 9th grades. The results showed that 43% think that the major cause of the lack of interest in class are the methodologies used by teachers; to 30% the reason is very descriptive of Geography; 14% is the distance between the content taught and reality; and 10%, the main cause is lack of interest from the students themselves.

Keywords: Geography Teaching; Teaching Methods; Geography Lessons.

**LA FALTA DE INTERÉS DE LOS ESTUDIANTES EN CLASES DE
GEOGRAFÍA: Un estudio de caso de una escuela privada en Belém – PA**

**O desinteresse dos alunos nas aulas de Geografia:
Estudo de caso de uma escola privada em Belém – PA
*Marcos Jonatas Damasceno da Silva***

RESUMEN

Hay varias realidades y experiencias que el maestro viene a través de la práctica escolar. Entre las dificultades es la falta de interés de los estudiantes en las clases de Geografía. Tratar de identificar algunas de las razones que contribuyen a los estudiantes que no están interesados en las lecciones de esa disciplina, el presente trabajo tiene como objetivo analizar, desde la perspectiva de los estudiantes, las principales causas de la falta de interés en las clases de Geografía. Para ello, se realizó una encuesta en una escuela privada de la Educación Primaria en Belém, estado de Pará, con un universo de 90 estudiantes de tres clases: séptimo, octavo y 9º grados. Los resultados mostraron que el 43% piensa que la causa principal de la falta de interés en la clase son las metodologías utilizadas por los profesores; y el 30% de la razón es muy descriptivo de Geografía; 14% es la distancia entre el contenido enseñado y realidad; y el 10%, la causa principal es la falta de interés por parte de los propios estudiantes.

Palabras clave: Enseñanza de la Geografía; Metodologías de Enseñanza; Lecciones de Geografía.

INTRODUÇÃO

Na prática escolar são diversas as realidades e experiências com as quais o professor se depara. Entre elas cabe destacar o desinteresse dos alunos nas aulas de geografia. Essa situação de desinteresse tem graves reflexos no aprendizado dos alunos, uma vez que, estes não prestam atenção nas aulas e acabam se distraindo com alguma outra atividade em sala de aula, pouco se importando com a presença do professor e assim deixam de aprender o assunto ao qual está sendo explicado. Diante dessa realidade torna-se imperioso desenvolver um trabalho docente que tenha efetivamente como objetivo a aprendizagem significativa (CAVALCANTI, 2008).

As causas dessa falta de interesse dos alunos nas aulas muitas vezes é responsabilidade dos próprios professores. Como mostra Libâneo (1994), a falta de entusiasmo do professor e a dificuldade de tratar os conteúdos de forma dinâmica contribuem para tornar a aula enfadonha, chata e rotineira, levando os alunos a se desinteressarem e a perderem o gosto pela escola.

As metodologias, em geral, não contribuem para despertar no aluno o interesse pelos conteúdos geográficos e geralmente os professores acabam recorrendo ao uso exclusivo dos livros didáticos quando há uma enorme variedade de recursos que podem ser utilizados para tornar as aulas mais dinâmicas (LIBÂNEO, 1994). Desta forma nenhum aluno se interessa por conteúdos que não possuem sentidos, que não possuem significados (MAGNOLI, 2000). Os livros didáticos são apenas mais um recurso, mas não podem ser os únicos e nem podem ensinar sozinhos, como acontece em muitas escolas (KIMURA, 2008).

**O desinteresse dos alunos nas aulas de Geografia:
Estudo de caso de uma escola privada em Belém – PA
Marcos Jonatas Damasceno da Silva**

Existem, conforme Libâneo (1994), inúmeras aulas e tarefas não atrativas que contribuem para que o aluno perca o interesse pelas aulas e o gosto por estudar e não há relação entre os conhecimentos e as experiências que os alunos já possuem. Dessa forma, os alunos não sabem porque estudam aquele assunto e o resultado é que eles só decoram sem compreender os assuntos.

Este trabalho tem como objetivo analisar as principais causas da falta de interesse dos alunos do Ensino Fundamental nas aulas de Geografia. O interesse na investigação desse tema surgiu ainda na graduação, durante os estágios docentes realizados no Ensino Fundamental, em escolas privadas de Belém. Durante os estágios, era notória a falta de interesse dos discentes nas aulas de Geografia e as reclamações dos alunos em relação à forma como a disciplina é ensinada nas escolas. Após concluir a graduação decidi investigar as causas que levavam o educando a não se interessar pelas aulas da disciplina. Neste sentido, foi realizada a aplicação de questionários para um universo de 90 alunos de três turmas de anos diferentes. Diante das causas apontadas pelos alunos, procurou-se desenvolver também uma análise em cima das mesmas, mostrando, com base no referencial teórico, o que pode ser feito para deixar as aulas mais atrativas aos alunos e assim despertar neles o interesse pelo estudo desta disciplina.

Este trabalho envolveu um levantamento bibliográfico para subsidiar a elaboração do marco teórico e conceitual, onde se utilizou com embasamento os trabalhos de Libâneo (1994), Arroyo (1999), Cavalcanti (2008), Kimura (2008), Pontuschka, Paganelli e Cacete (2009), Farias *et al.* (2011), entre outros autores.

Além disso, foi realizada uma pesquisa, no ano de 2013, com um universo de 90 alunos do Ensino Fundamental de uma escola privada de Belém, estado do Pará, em três turmas: 7º, 8º e 9º anos. A intenção da referida pesquisa era identificar quais as principais causas da falta de interesse dos alunos nas aulas de Geografia, na perspectiva dos próprios discentes, pois gostaríamos de saber o que pensam os alunos sobre o ensino de Geografia no Ensino Fundamental. Neste sentido, foi feita uma única pergunta a todos os 90 alunos das três turmas. A saber, “Em sua opinião, qual é a principal causa da falta de interesse dos alunos nas aulas de Geografia?”.

Não foi abordada neste trabalho a falta de interesse dos alunos nas aulas de Geografia na perspectiva dos professores, pois a intenção é identificar as principais causas dessa falta de interesse a partir do ponto de vista dos educandos. Porém, em trabalho posterior será discutida essa questão a partir da visão dos docentes.

CAUSAS DA FALTA DE INTERESSES DOS ALUNOS PELAS AULAS DE GEOGRAFIA

A Geografia enquanto a ciência que estuda o espaço geográfico é tão importante quanto a História, Biologia, Matemática e as outras disciplinas. A Geografia possibilita ao aluno o conhecimento dos processos e das constantes transformações que ocorrem no espaço geográfico, possibilita a localização do homem neste espaço, o estudo das diferentes paisagens além de estudar a relação entre a sociedade e natureza.

Conforme afirma Oliveira (2001), cabe à Geografia levar o aluno a compreender o espaço produzido pela sociedade em que vivemos hoje, suas desigualdades e contradições, as relações de produção que nela se desenvolvem e a apropriação que essa sociedade faz da natureza. Ou seja, a Geografia tem grande importância para o estudo do espaço geográfico e do entendimento do que nele ocorre.

Não restam dúvidas que o Ensino de Geografia é de suma importância. Entretanto, toda essa importância da Geografia para a sociedade não tem sido aproveitada pelos alunos, pois estes apresentam constantes falta de interesses pelo estudo e pela aprendizagem dos conhecimentos geográficos. Mas qual ou quais as causas de tanta falta de motivação? Um dos objetivos deste trabalho é justamente responder a esta pergunta e é o que será feito ao longo deste artigo.

O conhecimento geográfico é um dos mais antigos da história da humanidade, porém, a sistematização da Geografia, enquanto ciência, só foi realizada no início do século XIX e na sua origem, de acordo com Lacoste (1988), era uma área do conhecimento meramente descritiva e esteve a serviço do poder, uma vez que, tinha uma função ideológica, pois mascarava através de processos que não são evidentes, a utilidade prática da análise do espaço, sobretudo para a condução da guerra, assim como para a organização do Estado e a prática do poder.

Entretanto, esse caráter descritivo da Geografia atravessou gerações e ainda hoje é muito evidente nas escolas tanto públicas quanto particulares, onde a referida disciplina é conhecida pelo famoso método da “decoreba”, em que os alunos memorizam os conteúdos sem tê-los de fato aprendido. Essa situação se perpetuou ao longo do tempo nas escolas.

É bem verdade que há tentativas de mudanças com a chamada “Geografia Crítica”, que rompe com a “Geografia Tradicional”, marcada pelo caráter descritivo dos conteúdos. Como afirma Vesentini (2008):

**O desinteresse dos alunos nas aulas de Geografia:
Estudo de caso de uma escola privada em Belém – PA**
Marcos Jonatas Damasceno da Silva

Desde alguns anos, no ensino de Geografia – notadamente entre aquela parcela do professorado preocupada com o papel social da escola e com a renovação de suas lições – vem ganhando corpo a ideia de que há uma transição da Geografia escolar tradicional – descritiva, mnemônica, compartimentada – para uma Geografia escolar crítica (VESENTINI, 2008, p. 32).

Segundo Vesentini (2008), a Geografia Tradicional escolar tem como função difundir uma ideologia patriótica e nacionalista, enaltecer o Estado-nação e inculcar de que ele é natural e eterno, dar ênfase não à sociedade, mas à terra, ao território. Dessa forma, ainda de acordo com o mesmo autor, a escola e a Geografia Tradicional escolar, foram e são interligadas desde o século XIX, período em que a ciência geográfica foi sistematizada.

O questionamento da Geografia Tradicional surge, de acordo com Vesentini (2008), com a insatisfação de professores e geógrafos com a disciplina, com seu caráter descritivo e mnemônico e sua metodologia pouco séria. Além disso, o espaço mundial se transformou, tornando-se descontínuo, móvel e difícil de ser captado por meras descrições e a Geografia Tradicional, tanto a acadêmica quanto a escolar, não conseguiu mais explicar esse espaço. Diante da crise da Geografia Tradicional, de acordo com Vesentini (2008), surgem novas “Geografias” que a substituem e a Geografia Crítica é uma delas.

A Geografia Crítica:

Trata-se de uma Geografia que concebe o espaço geográfico como espaço social, construído, pleno de lutas e conflitos sociais. Ele critica a Geografia Moderna no sentido dialético do termo crítica: superação com subsunção, e compreensão do papel histórico daquilo que é criticado (VESENTINI, 2008, p. 14).

Ao contrário da Geografia Tradicional, a Geografia Crítica propõe desenvolver no aluno maior capacidade crítico-reflexiva. “Ela se preocupa com a criticidade do educando e não em arrolar fatos para que ele memorize” (VESENTINI, 2008, p. 14). Enfim:

Não se trata de ensinar fatos, mas de levantar questões, ou seja, negar o discurso competente. Em outros termos, o conhecimento a ser alcançado no ensino, na perspectiva de uma Geografia Crítica, não se localiza no professor ou na ciência a ser “ensinada” ou vulgarizada, e sim no real, no meio em que aluno e professor estão situados e é fruto da práxis coletiva dos grupos sociais. Integrar o educando ao meio significa deixá-lo descobrir que pode tornar-se sujeito da história (VESENTINI, 2008, p. 15).

Na Geografia Crítica, o ensino “não se trata de aplicar ou simplificar suas idéias e conceitos para uso escolar. Trata-se fundamentalmente de buscar uma relação dialética entre esse conhecimento mais crítico e a realidade do aluno” (VESENTINI, 2008, p. 33).

Assim, procura inibir o caráter meramente descritivo do Ensino de Geografia. Porém, apesar das mudanças, a Geografia Tradicional persiste nas escolas públicas ou

**O desinteresse dos alunos nas aulas de Geografia:
Estudo de caso de uma escola privada em Belém – PA
Marcos Jonatas Damasceno da Silva**

privadas e junto com ela sobrevive também seu caráter descritivo (PONTUSCHKA; PAGANELLI; CACETE, 2009). Apesar da persistência da Geografia Tradicional nas escolas, de acordo com Vesentini (2008), ela vem perdendo terreno.

Em Belém, em muitas escolas persiste o ensino da Geografia Tradicional, centrada na memorização, na descrição. Pouco se estimula o pensamento crítico-reflexivo dos educandos. Mas a culpa nem sempre é do professor. Às vezes, o trabalho docente enfrenta empecilhos, pois muitas escolas, como é o caso da escola em que foi realizada esta pesquisa, não dispõem de recursos materiais (às vezes não possuem nem biblioteca) necessários para o professor ministrar, como dizem os alunos, “uma aula diferente”. Entretanto, há aqueles professores que se acomodam em sua prática educativa e assim a Geografia Tradicional continua nas escolas, pois o professor tradicional não prepara suas aulas depois de alguns anos de experiência (VESENTINI, 2008). Suas aulas são repetitivas, pois “ele já as memorizou, a aula vira uma simples rotina e não há necessidade de grandes atualizações. Em compensação, surge o desinteresse dos alunos” (VESENTINI, 2008, p.51).

A tabela abaixo mostra uma pesquisa realizada com um universo de 90 alunos de três turmas em uma escola privada em Belém, Pará. Os alunos são das turmas: 7º, 8º e 9º anos. Foi perguntado aos discentes sobre o que eles consideravam como as principais causas dos desinteresses dos alunos nas aulas de Geografia. A pergunta foi feita de maneira aberta e as respostas foram interpretadas de acordo com os termos usualmente utilizados na academia.

Tabela 1 – Causas do desinteresse dos alunos nas aulas de Geografia

Causas do desinteresse dos alunos nas aulas de Geografia	Quantidade de respostas	Porcentagem (%)
A metodologia utilizada pelo professor	39	43,3%
A disciplina é muito descritiva	27	30%
Falta de relação entre o conteúdo e a realidade	13	14,4%
Falta de interesse do aluno	9	10%

Fonte: o autor, 2013. Pesquisa de campo, 2013.

De acordo com a ampla maioria dos alunos entrevistados, 43,3% consideram que a metodologia utilizada pelo professor é a maior causa da falta de interesse dos alunos nas aulas de Geografia. Segundo os alunos, o professor não varia os recursos didáticos a serem utilizados nas aulas. Na maioria das vezes, o professor recorre ao uso do velho e conhecido livro didático.

**O desinteresse dos alunos nas aulas de Geografia:
Estudo de caso de uma escola privada em Belém – PA
Marcos Jonatas Damasceno da Silva**

Sobre o uso dos recursos didáticos, o depoimento a seguir revela o descontentamento dos alunos com as práticas pedagógicas de muitos professores.

A aula ficaria bem mais agradável e produtiva se o professor variasse os recursos didáticos. Por exemplo, se criasse um grupo de discussão em uma aula, exibição de filme em outra e assim por diante. Mas toda aula é a mesma coisa, só assunto copiado no quadro e livro didático (depoimento de uma aluna do 9º ano).

A falta de entusiasmo do professor e a dificuldade de tratar os conteúdos de forma dinâmica contribuem para tornar a aula enfadonha e rotineira, levando os alunos a se desinteressarem e até mesmo a perderem o gosto pela escola (LIBÂNEO, 1994).

O depoimento de outra aluna reitera que:

Muitas vezes, a aula se torna “chata”, porque o professor passa parte considerável da aula lendo o livro didático. Às vezes queremos uma aula diferente e quando a aula inicia lá vem de novo o professor pedindo para abrir o livro em tal página e às vezes pede para nós lermos. Quando o professor não usa o livro didático, ele utiliza apresentações em Power Point e vai lendo o que aparece nos slides. Parece que só existem essas maneiras de dar aula (depoimento de um aluno do 8º ano).

A metodologia que o professor utiliza para trabalhar é, sem dúvida, uma das causas da falta de interesse dos alunos pelos conhecimentos geográficos. Observa-se no depoimento dos alunos que eles consideram as aulas monótonas e chatas pelo fato de o professor não se esforçar para variar o uso dos recursos didáticos em sala de aula.

Além disso, vê-se recorrentemente o professor simplesmente “jogando” informações sobre os alunos, sem sequer procurar saber sobre os conhecimentos prévios que os alunos possuem a respeito daquele assunto e sem procurar conhecer e levar em consideração a realidade dos alunos. Não considerar o conhecimento prévio dos alunos é, segundo Libâneo (1994), umas das práticas que levam os alunos a perderem o interesse e o gosto por estudar.

É necessário considerar no processo de ensino-aprendizagem o saber trazido de casa pelo aluno. “Esse saber serve como porta de entrada para novos conhecimentos” (KIMURA, 2008, p. 109) e, segundo o psicólogo norte-americano David Ausubel (1980) *apud* Libâneo (1994), um dos traços mais típicos da aprendizagem significativa é relacionar os novos conhecimentos com os conhecimentos que o aluno já possui. Portanto, desconsiderar os conhecimentos prévios dos alunos é um grande erro.

Além disso, os professores, geralmente, utilizam o livro didático como único recurso didático em sala de aula, quando, na verdade, deveria ser mais um dos recursos que o docente dispõe para sua prática pedagógica. O professor está muito preso e

**O desinteresse dos alunos nas aulas de Geografia:
Estudo de caso de uma escola privada em Belém – PA**
Marcos Jonatas Damasceno da Silva

extremamente dependente do livro didático. É quase impossível imaginar um professor trabalhando sem o livro didático.

Ademais, “o professor, ao escolher um livro didático, não pode fazê-lo de forma aleatória, pois alguma reflexão necessita ser realizada se o mestre tem consciência de que o alvo é, no presente caso, o aprendizado geográfico” (PONTUSCHKA; PAGANELLI; CACETE, 2009, p. 340).

Além dessa dependência que o professor possui em relação ao livro didático, a forma com que o docente trabalha com o livro em sala de aula também é enfadonha, uma vez que os professores ao trabalharem o conteúdo em sala de aula lêem o assunto estudado, ou escrevem no quadro para os alunos, o que torna a aula monótona e extremamente desagradável. Como mostram Pontuschka, Paganelli e Cacete (2009), há professores utilizando o livro didático como sua única bibliografia, copiando o assunto no quadro com explicações rápidas do conteúdo e às vezes até mesmo sem explicações. Tais práticas inibem o interesse até mesmo dos melhores alunos.

Existem livros didáticos que, além dos conteúdos geográficos, apresentam também estratégias didáticas a serem desenvolvidas pelos alunos. Nessas condições “esses livros acabam ensinando sozinhos, pois, em geral, os encaminhamentos já estão determinados e explicitados. Cabe apenas aos alunos lerem os textos, realizarem as atividades e acompanharem as estratégias didáticas indicadas” (KIMURA, 2008, p. 22). Tais obras, ainda segundo esta autora, se não substituem o professor, o dispensam de construir seu fazer-pensar pedagógico, uma vez que ele já vem pronto.

Há uma enorme variedade de recursos didáticos que pode ser usada para dar mais dinamicidade às aulas e assim torná-las mais agradáveis, tais como uso do laboratório de informática, uso de representações gráficas como, por exemplo, desenhos, mapas mentais, croquis, mapas, maquetes entre outras, debates, seminários, visitas de campo e outros tantos procedimentos. O livro didático é sim um bom recurso, mas não pode o único. É preciso variar o uso desses recursos. Libâneo ressalta que:

O ensino deve ser dinâmico, variado. Num dia a aula pode ser iniciada pela explicação da matéria, em outro com tarefas como discussão, conversação, relatos dos alunos, etc. Podem ser usadas ilustrações, gravuras, para dar mais vida ao conteúdo. Uma parte da aula pode ser dada no pátio da escola (...) (LIBÂNEO, 1994, p. 107).

Concordamos com Cavalcanti (2002), quando afirma que há um uso indevido do livro didático, uma vez que o professor que se encontra em sala de aula, na maioria das vezes tem certa dependência do livro didático e não procura novos conteúdos que possam

**O desinteresse dos alunos nas aulas de Geografia:
Estudo de caso de uma escola privada em Belém – PA
Marcos Jonatas Damasceno da Silva**

complementar os assuntos do livro didático e assim tornar a aula mais produtiva e dinâmica.

Neste sentido, não é exagero afirmar que esta postura tem contribuído para uma aprendizagem mecânica a qual o corpo discente está submetido, que em nada o ajuda a dar sentido aos saberes geográficos que tem aprendido em sala de aula. Esta é, lamentavelmente, uma realidade que perdura em muitas escolas brasileiras, tanto públicas quanto privadas.

Diante dessa situação, o ensino de geografia fica desacreditado, pois os alunos, de maneira quase generalizada, não têm mais paciência para ouvir os professores fazerem sempre a mesma coisa: pegar o livro didático e ler para a turma ouvir e depois dar uma explicação ligeira ou encher os alunos de conteúdos sem abordá-los de maneira mais profunda, para que os alunos possam entender de maneira mais prazerosa.

Outros 27 dos 90 alunos entrevistados, ou seja, 30% deles consideram como a principal causa do desinteresse dos alunos nas aulas de o caráter descritivo que a disciplina possui.

A Geografia escolar tem se caracterizado por ter um caráter descritivo e esta é uma das causas da falta de interesse dos alunos pela disciplina. A mera descrição faz com que a disciplina seja vista como decorativa, pois não se fazem relações do conteúdo com a realidade. Neste sentido, podemos afirmar que a própria postura do professor em sala de aula tem sido um dos motivos de tanta desmotivação por parte do corpo discente.

O professor de ao explicar os conteúdos para a turma, na maior parte das vezes, simplesmente os descrevem e não se preocupa em mostrar que o que ele está explicando pode ser visto pelos alunos no seu cotidiano. Muitas vezes, de acordo com Pontuschka, Paganelli e Cacete (2009), o conteúdo não é nem explicado. Assim, os alunos, acabam vendo aquele assunto como algo estranho à realidade deles e não como algo que eles frequentemente vivenciam. Com a simples descrição de conteúdos, o aluno nem sabe o que está estudando e acaba simplesmente memorizando os assuntos (LIBÂNEO, 1994).

Não consigo me interessar pelas aulas de Geografia. Até que me esforço, tento prestar atenção nas aulas. Os conteúdos não têm relação com o nosso dia a dia, com a minha vida. Muitas vezes o professor simplesmente descreve o conteúdo sem estabelecer relações com as nossas vidas e acabamos tendo que memorizar várias coisas sem sentido (depoimento de aluno do 9º ano).

O professor de Geografia precisa estabelecer relações entre o conteúdo e a realidade e não apenas descrever tais conteúdos. Como afirma Magnoli (2000), o aluno tem interesse de sobra naquilo que faz sentido. Libâneo (1994, p. 144) complementa que “o

**O desinteresse dos alunos nas aulas de Geografia:
Estudo de caso de uma escola privada em Belém – PA**
Marcos Jonatas Damasceno da Silva

domínio efetivo dos conhecimentos não se garante, pois, apenas pela memorização e repetição das formulas e regras”.

As aulas são caracterizadas pelo verbalismo docente marcadas pelo afastamento do conteúdo ministrado e o contexto político, social e econômico. Tais práticas em vez de despertar o interesse dos alunos, aguçam o desinteresse deles pela Geografia escolar.

Às vezes o professor fala, fala e eu não entendo nada. Não há como ter interesse numa matéria que apenas repete o que está escrito no livro didático e que apenas descreve os climas de um lugar, o tipo de vegetação desse lugar. Temos que saber o nome de várias cidades, vários rios. Não sei para que isso vai me servir (depoimento de aluno do 7º ano).

Não adianta descrever rios ou tipos de vegetação de um país ou regiões. O aluno precisa compreender os conteúdos geográficos. A aprendizagem envolve:

Compreensão, pois o que se aprende sem compreender não é verdadeiro. Estudar os nomes dos rios do Brasil ou da Rússia e os eixos viários que dão acesso às principais metrópoles do país, somente será válido se for para a construção de significados, ou seja, se esses estudos tiverem significados na vida dos alunos (PONTUSCHKA; PAGANELLI; CACETE, 2009, p. 30).

Magnoli (2000) afirma que uma das características do ensino tradicional de Geografia é a descrição de paisagens. É preciso superar essa mera descrição. Ainda de acordo com o mesmo autor, é necessário fazer um ensino que possua sentido e que mostre relações e que não apenas descreva. É essa a Geografia que interessa ao aluno. Nenhum aluno tem interesse em simplesmente decorar.

O professor enquanto mediador do processo de ensino-aprendizagem precisa buscar novas maneiras de trabalhar em sala de aula e não se acomodar com a velha postura do professor tradicional de ficar “enchendo” o quadro de conteúdos, sem procurar entender a realidade e o dia a dia dos seus alunos e procurar relacionar tais conteúdos com a vida.

É necessária uma mudança desta situação para que o aluno e a sociedade possam ver a Geografia como uma disciplina que pode despertar através da abordagem dos diversos aspectos da vida humana (economia, meio ambiente, cultura, etc.) um pensamento crítico no aluno e possa se desvincular da imagem de disciplina decorativa e sem graça, que é como a maioria dos alunos enxerga a Geografia.

A terceira maior causa da falta de interesse dos alunos nas aulas é, para 14% dos estudantes, a falta de relação entre o conteúdo ensinado pelo professor e a realidade, o contexto social. Diversos alunos reclamaram que o professor não estabelece relações entre o conteúdo e a realidade. Desse modo, o conteúdo parece estranho à realidade dos alunos.

**O desinteresse dos alunos nas aulas de Geografia:
Estudo de caso de uma escola privada em Belém – PA
Marcos Jonatas Damasceno da Silva**

Muitos professores têm dificuldade para relacionar o conteúdo que está ministrando à realidade, ao cotidiano de seus alunos. Dessa forma, o assunto perde importância para o aluno, uma vez que ele não consegue ver ligação entre tal conteúdo e o seu dia a dia.

Isso faz com que muitas vezes a Geografia seja vista como uma disciplina de difícil aplicação ou mesmo sem quase nenhuma aplicabilidade, pois há uma grande distância entre muitos conteúdos e a realidade dos alunos. “É preciso desenvolver o saber geográfico de maneira contextualizada, colocando ao aluno as diversas facetas possíveis de uma determinada questão, apresentando-lhe problemas a serem analisados” (KIMURA, 2008, p. 109).

De acordo com Libâneo (1994), o trabalho docente tem como ponto de partida e de chegada a realidade social, política, econômica e cultural da qual tanto o professor quanto os alunos são parte integrante. Ou seja, o trabalho docente não pode estar desvinculado da prática social do professor e de seus alunos.

Um aluno do 7º ano respondeu que ele não consegue ver uma ligação clara entre parte dos conteúdos ministrados com sua realidade, com o bairro, a cidade e a escola, por exemplo. Isso acontece porque não há uma preocupação por parte do professor em estabelecer tais relações. Assim, o conteúdo torna-se sem significado para o aluno e isso acaba levando o aluno a ter a equivocada ideia de que a Geografia é uma disciplina sem aplicação, como relatou o aluno.

A Geografia não é uma disciplina estranha à realidade, como acham alguns alunos. É como as demais ciências, um conhecimento plenamente aplicado na realidade. É preciso que o professor de Geografia tenha em mente que é imprescindível fazer a relação do conteúdo ministrado com o dia a dia do aluno, para que este aluno possa ver que aquele conteúdo não é estranho à nossa realidade.

Concordamos com Magnoli (2000) que um aspecto importante do ensino de Geografia é a capacidade de relacionar os conteúdos da disciplina com fatos da realidade e da atualidade. Um professor com tal capacidade, sem dúvida, transformará a forma de o aluno ver a geografia, enquanto disciplina escolar e também a forma de ver o mundo.

Há hoje uma infinidade de informações. Informações descontextualizadas não fazem sentido para o aluno. O professor tem que: “problematizar questões da realidade geográfica, na busca de sentido que colabore para a formação de uma consciência espacial, reconhecendo a interação entre os elementos dessa realidade e o cotidiano da vida de alunos e professores” (PONTUSCHKA; PAGANELLI; CACETE, 2009, p. 29).

**O desinteresse dos alunos nas aulas de Geografia:
Estudo de caso de uma escola privada em Belém – PA
Marcos Jonatas Damasceno da Silva**

Nesse sentido, existe a necessidade de se levar em consideração o conhecimento e a importantíssima realidade do educando, a qual jamais deve ser desprezada e deve ser tomada como referência para o estudo do espaço geográfico e seus processos.

É necessário que o professor leve em consideração a realidade de seus alunos e para que isso seja possível é igualmente preciso que haja maior interação entre o professor e os alunos. Arroyo (1999) defende que se mude a relação professor-aluno, pois atualmente o professor ainda se mantém distante dos alunos.

É preciso que o professor relacione a teoria e a prática a fim de tornar o ambiente escolar, para o aluno, um local do encontro com a própria realidade, com os processos que ocorrem no espaço no qual habita, pois a construção da aprendizagem na Geografia é baseada na consideração da realidade vivenciada no dia a dia para se buscar diversas questões que levem o professor a realizar da melhor forma possível as explicações dentro da sala de aula.

Desta maneira, o ensino de Geografia pode levar os alunos a compreenderem de maneira mais ampla e abrangente a realidade que os cerca, possibilitando que nela interfiram de forma mais consciente. Para que isso aconteça, é de fundamental importância que os alunos dominem categorias, adquiram conhecimentos, dominem conceitos e procedimentos básicos com os quais a Geografia trabalha e constitui suas teorias e explicações, de maneira a poder não somente compreender as relações socioculturais e o funcionamento da natureza às quais pertence, mas, sobretudo, também conhecer e ter a capacidade de utilizar uma forma singular de pensar sobre a realidade.

Para outros 10% dos alunos entrevistados, a maior causa da falta de interesse nas aulas de Geografia é o próprio desinteresse dos próprios alunos.

Muitas vezes se observa que vários alunos simplesmente não prestam atenção nas aulas, seja nas aulas de Geografia ou de qualquer disciplina. Além disso, ainda atrapalham aqueles alunos que querem prestar atenção nas aulas, que vem para a escola com a intenção de estudar, que desejam aprender alguma coisa (depoimento de aluno do 9º ano).

Outro colega afirma que:

nas aulas é comum grupos de alunos conversando, atrapalhando as aulas e acabam prejudicando os alunos que vem para a escola para adquirir conhecimento. Um aluno que conversa durante as explicações não tem interesse em aprender. Por isso, entendo que muitas vezes o aluno é o próprio responsável pelo seu desinteresse nas aulas (depoimento de aluno do 8º ano).

Em relação a essas questões é preciso reconhecer que existem sim alunos desinteressados, que vai para a aula muitas vezes para “passar o tempo”, que passam a

**O desinteresse dos alunos nas aulas de Geografia:
Estudo de caso de uma escola privada em Belém – PA**
Marcos Jonatas Damasceno da Silva

maior parte das aulas em brincadeiras e conversando com outros colegas e acabam atrapalhando não apenas os seus colegas, mas também o próprio professor que, diversas vezes, tem que interromper a aula para chamar a atenção dos “grupinhos” nas salas de aula.

Entretanto, os professores e suas práticas pedagógicas também têm contribuído bastante para a falta de interesse dos alunos nas aulas de Geografia. É necessário que o professor possa buscar alternativas para dinamizar suas aulas e deixá-las menos monótonas e enfadonhas. Como mostra Magnoli (2000), às vezes, o aluno não se interessa pela aula porque ele não tem sua curiosidade despertada por alguns tipos de aulas que se limitam ao uso do livro didático e outros recursos mecânicos. Porém, se o professor buscar usar em sala de aula, recursos que venham tornar suas aulas mais dinâmicas e menos monótonas, isso irá despertar os interessados de um grupo bem maior de alunos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O docente necessita buscar novas metodologias e recursos de ensino para a sala de aula, deixando de trabalhar apenas com o livro didático e com assuntos que não têm relação com o cotidiano e com a realidade dos educandos. Isso acaba desencadeando desinteresse pelas aulas de Geografia, tida por muitos alunos como uma disciplina decorativa e sem graça. Diante dessa situação incômoda, a Geografia enquanto ciência que estuda o espaço geográfico perde a sua importância como matéria útil para que o educando possa ler e pensar o espaço sobre o qual habita.

Nesse sentido, é fundamental encurtar a distância do aluno com o seu próprio espaço, com sua própria realidade e fazer relações para que eles possam interpretar diferentes realidades a partir da própria realidade deles. É necessário partir da realidade do aluno para que ele possa compreender as outras realidades a partir da realidade que ele vivencia cotidianamente.

Para que o ensino de Geografia passe a ter sentido para os alunos, é necessário que o professor diversifique seus recursos didáticos e não se prenda apenas ao uso do livro didático, o qual, segundo Kimura (2008), tem, muitas vezes, ensinado sozinho. Além disso, é preciso estabelecer relações dos conteúdos ensinados com a realidade social tanto dos alunos quanto dos professores, para que o aluno possa realmente saber o que está estudando e não apenas decore os conteúdos.

Corroboramos com Pontuschka, Paganelli e Cacete (2009) que o trabalho pedagógico na Geografia tem que permitir que o aluno assuma posições diante dos

**O desinteresse dos alunos nas aulas de Geografia:
Estudo de caso de uma escola privada em Belém – PA
Marcos Jonatas Damasceno da Silva**

problemas enfrentados na família, na escola, no trabalho, na sua cidade, fazendo do aluno, efetivamente, um agente de mudanças desejáveis para a sociedade.

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel G. Ciclos de Desenvolvimento Humano e Formação de Educadores. **Revista Educação e Sociedade**, Campinas, ano 20, n. 68, especial, p. 143-162, dez. 1999.

CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos. **Ensino de Geografia: práticas e textualizações no cotidiano**. Porto Alegre: Mediação, 2002.

CAVALCANTI, L. S. **Geografia e prática de ensino**. Goiânia: Alternativa, 2002.

CAVALCANTI, L. S. **A Geografia escolar e a cidade: ensaios sobre o ensino de Geografia para a vida urbana cotidiana**. Campinas, SP: Papirus, 2008.

FARIAS, I. M. S. [*et al.*]. **Didática e docência: aprendendo a profissão**. 3. ed. Brasília: Liber Livro, 2011, 192 p.

KIMURA, S. **Geografia no ensino básico: questões e propostas**. São Paulo: Contexto, 2008, 217 p.

LACOSTE, Yves. **Geografia: isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra**. Campinas, SP: Papirus, 1988.

LIBÂNEO, J. C. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994, 263 p. (Coleção magistério. Série formação do professor).

MAGNOLI, D. **Geógrafo defende renovação continuada de professor**. 2001. Disponível em: <http://www2.uol.com.br/aprendiz/n_revistas/revista_educacao/maio01/entrevista.htm>. Acesso em: 15 out. 2015.

OLIVEIRA, Elvira de. **Geografia: o Brasil e o mundo em detalhes**. São Paulo: Klick, 2001. (Coleção Fique por Dentro).

PONTUSCHKA, N. N.; PAGANELLI, T. e CACETE, N. H. **Para ensinar e aprender Geografia**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

VESENTINI, J. W. **Para uma Geografia Crítica na escola**. São Paulo: Editora do autor, 2008.

Recebido para publicação em 07/11/2015
Aceito para publicação em 13/01/2016